

RELIGIÃO E SEXUALIDADE (MUSSKOPF)

Entrevista com Andre Musskopf
por Ofir Maryuri Mora Grisales*

OMMG: Andre, fale um pouco sobre sua formação e seu trabalho...

AM: Eu iniciei meus estudos em Teologia em 1995, em um contexto em que ainda pulsava a Teologia da Libertação e vivia-se a experiência recente de ter uma cadeira de Teologia Feminista com professora de dedicação exclusiva. Nesse período também tivemos o primeiro professor negro na faculdade, cuja pesquisa era justamente sobre a negritude. Éramos incentivados a nos envolver em movimentos sociais, organizações não governamentais e grupos de base. Acho que tudo isso, ainda na graduação, marcou muito minha formação. Vivi um momento, na faculdade de Teologia, no qual se exploravam todas essas possibilidades e envolvi-me em muitas questões que foram construindo meus caminhos na Teologia. Depois de um intercâmbio nos Estados Unidos, onde tive contato com a teologia gay, comecei a trazer esse tema para minha instituição e escrevi meu trabalho de conclusão de curso (que se transformou no meu primeiro livro – *Uma brecha no armário*) justamente sobre ele. Ingressei no programa de pós-graduação com um projeto de pesquisa de mestrado sobre homossexuais e ordenação ao ministério eclesial. A dissertação transformou-se em meu segundo livro – *Talar rosa*. Tive ainda uma experiência de trabalho junto ao CEBI/RS (Centro de Estudos Bíblicos – Rio Grande do Sul) e desenvolvi minha pesquisa de doutorado, concluído em 2008 com a tese *Via(da)gens teológicas¹*, assumindo a discussão sobre diversidade sexual a partir da teoria *queer* no âmbito da Teologia. Importante, nesse processo todo, foi o contato constante com os movimentos sociais LGBT (no Brasil e no exterior), especialmente com grupos cristãos LGBT e também com outras áreas do

* Doutoranda em Ciências da Religião pela Umesp. Membro do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/Netmal.

¹ MUSSKOPF, André S. *Via(da)gens teológicas*. Itinerários de uma teologia queer no Brasil. São Paulo: Fonte editorial, 2012.

conhecimento, tanto por meio de minha pesquisa quanto em encontros e eventos acadêmicos, como as experiências na Associação Brasileira de Estudos da Homocultura. No contexto da própria pesquisa, sempre trabalhei com histórias de vida como ponto de partida para a reflexão teológica, não buscando respostas ou justificativas para explicar a diversidade sexual, mas como forma de articular uma reflexão teológica que fosse uma contribuição para a teologia que partisse dessas experiências particulares. Ainda hoje, esse tipo de trabalho é bastante “invisibilizado” no Brasil e na América Latina e sua produção dá-se às margens das instituições e, muitas vezes, sem as condições materiais necessárias para o avanço e aprofundamento. Mais recentemente, tive a oportunidade de participar do governo da Frente Popular, em São Leopoldo (RS), inclusive assumindo o desafio de desenvolver o trabalho da Assessoria Especial de Políticas para LGBT, percebendo os entraves e as possibilidades institucionais no espaço governamental naquilo que diz respeito à relação entre diversidade sexual e políticas públicas. Além disso, também participo como docente do Projeto HIV/AIDS e Teologia na América Latina, desenvolvido simultaneamente em quatro instituições teológicas de diferentes países (Argentina, Brasil, Colômbia e Costa Rica).

OMMG: O que você pode nos dizer sobre a relação “religião e sexualidade” na atualidade no Brasil?

AM: Em minha pesquisa doutoral, tracei um quadro da relação entre religiosidade e sexualidade ao longo da história do Brasil. O que emerge na análise desse quadro é que, tanto a sexualidade quanto a religiosidade como a relação entre elas são marcadas pelo que chamo de ambiguidade. A partir das reflexões de autores especializados na formação do quadro religioso e sexual no Brasil, bem como outros que discutem a identidade brasileira, torna-se possível perceber os múltiplos quadros de referência que marcam essas áreas da experiência das pessoas, permitindo trânsitos, fluidez, simultaneidades. Isso significa que existem possibilidades que são autorizadas em determinados momentos e situações. Na atualidade, entendo que nos encontramos em um momento de disputa que tem provocado inúmeras tensões. Após importantes

avanços no reconhecimento e valorização da diversidade religiosa e dos direitos sexuais, há um aumento significativo de casos de intolerância em ambas as esferas, que têm se expressado, também, numa interferência de movimentos religiosos em questões públicas, colocando em risco a laicidade do Estado brasileiro. O mesmo se expressa na relação direta da sexualidade com a religião. Vemos algumas igrejas realizando discussões e avançando em questões relacionadas à sexualidade, proliferação de “igrejas inclusivas” (nem sempre, necessariamente, mais abertas quanto à vivência da sexualidade) e, ao mesmo tempo, ataques cada vez mais virulentos a temas como diversidade sexual e direitos sexuais por parte de outras igrejas e grupos de caráter religioso. Isso demonstra de que forma o controle dos corpos, por determinados sistemas políticos e ideológicos, resiste, e como determinadas tradições religiosas em especial têm servido de canal para esse controle. Ainda assim, acredito que a religião, particularmente o cristianismo, que é a tradição religiosa que melhor conheço, tem a possibilidade de trilhar caminhos libertadores no campo da sexualidade, sendo meu trabalho no campo da teologia uma tentativa de articular alguns caminhos possíveis.

OMMG: Recentemente você publicou o livro *Via(da)gens teológicas*, um título instigante. Qual foi sua proposta com o livro?

AM: O livro procura articular um discurso e uma prática teológica a partir da diversidade sexual no contexto brasileiro, entrelaçando Teologia da Libertação e teoria *queer*. Para construir isso que chamo de “itinerários” – que entendo como caminhos possíveis para a articulação desse discurso e dessa prática – parto da trajetória que eu mesmo fui construindo ao longo dos anos junto ao universo eclesiástico, à discussão teológica acadêmica, ao diálogo com outros campos do conhecimento e, fundamentalmente, com o movimento LGBT, incluindo os grupos cristãos LGBT na América Latina. A partir de meus itinerários, estabeleci três “pontos de passagem” que julgo importantes nesse momento para a articulação de uma teologia *queer* no Brasil. O primeiro é a reflexão sobre a construção histórica da religiosidade e sexualidade no Brasil e da relação entre ambas. O segundo procura traduzir, para o público brasileiro e latino-americano, a produção teo-

lógica já existente (especialmente no contexto norte-americano, mas também europeu) no campo do que chamo de teologias homossexual, gay e *queer*, e dar visibilidade ao que tem sido produzido nessa área na América Latina, resgatando a experiência de grupos cristãos LGBT e suas formas de produção/reflexão teológica a partir de sua prática e de teólogos que têm produzido nessa área, com destaque especial para a obra de Marcella Althaus-Reid. O terceiro “ponto de passagem” começa pela discussão da categoria da ambiguidade e sua aplicação na construção de uma teologia que trabalhe com a fluidez e a mistura, que são marcas concretas da vida, retomando a discussão sobre religiosidade e sexualidade no Brasil e termina com a aplicação epistemológica para a produção teológica a partir das questões levantadas. Fundamentais para a construção dessa proposta são as histórias de vida de três pessoas *trans* que, por meio da construção de seus corpos e modos de vida, suscitam outras formas de produção de conhecimento. Essa epistemologia é, então, construída em três momentos que resgatam um lema do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) – ocupar, resistir e produzir –, no qual se estabelece um diálogo teológico que mistura a experiência das pessoas *trans* entrevistadas com produções teológicas libertadoras. A produção propriamente dita faz-se pela releitura de uma pintura de Frida Kahlo (*La venadita*), de onde emerge a figura do veado como símbolo negativo da diversidade sexual (particularmente da homossexualidade masculina) no Brasil e todos os significados construídos a partir da releitura dos elementos da pintura em diálogo com questões teológicas suscitadas pela diversidade sexual. É daí que emerge a ideia de via(da)gem, expandindo a metáfora clássica da Teologia da Libertação do “caminho” na ideia da produção teológica como uma “viagem” com itinerários múltiplos e ainda por serem descobertos e explorados – como é o caso da diversidade sexual – e propositalmente usando a “viadagem” como um jeito de fazer teologia que parte, justamente, da ideia da diversidade sexual, ressignificando um termo usado negativamente e revelando a contribuição de “viados” e seus modos de produção da vida e do conhecimento para a teologia.

OMMG: Como você percebe atualmente o pensamento teológico na América Latina no que diz respeito a uma relação/diálogo com os estudos *queer* e com a teologia gay e lésbica?

AM: Recentemente tivemos na Costa Rica, promovido pelo Departamento Ecuménico de Investigaciones, o Primeiro Simpósio de Teologia *Queer*. Aí estavam reunidos/as alguns/as teólogos/as que trabalham com estudos *queer* e teologias gay/lésbica, lideranças de grupos religiosos LGBT, teólogas feministas que discutem o tema da sexualidade e pessoas de outras áreas do conhecimento. Foi uma primeira oportunidade de encontro que revelou o momento atual dessa discussão e os desafios colocados para essa área na América Latina. Embora os estudos *queer* ganhem espaço na discussão acadêmica sobre sexualidade, no campo da teologia ainda são praticamente desconhecidos. Um grupo muito restrito de teólogos/as e mesmo lideranças de grupos religiosos tem se aproximado dessa discussão. Já as teologias gays e lésbicas são mais conhecidas e vivenciadas, e até mesmo aceitas, por sua ênfase na assimilação de identidades mais ou menos fixas – e parece ser o discurso possível nesse momento. De qualquer forma, há um grande desconhecimento (até mesmo pela dificuldade de acesso) da bibliografia produzida nessas áreas em outros contextos, ou mesmo a circulação de materiais produzidos na América Latina que ficam bastante restritos aos contextos onde são produzidos. Isso, também, porque nem as teologias gays e lésbicas nem as *queer* estão no horizonte da produção teológica acadêmica na América Latina. O que acontece, em alguns casos, é inserir esse tema como algo estranho em alguns programas de disciplinas, ou então, convidar teólogos/as que trabalhem nesse campo para apresentações esporádicas em algumas instituições, sem que se estabeleça um verdadeiro diálogo, ou se abra espaço para essa discussão de uma maneira consistente. Com isso também se inviabiliza que novas pesquisas nessa área sejam desenvolvidas, uma vez que as perspectivas de espaço para atuação profissional ficam muito restritas, assim como tem acontecido desde sempre com a teologia feminista, embora instituições de teologia, aqui e ali, tenham aberto espaço em seus currículos e quadros docentes para a presença (também estranha) dessa forma de pensar e viver a teologia. Assim, além de uma dificul-

dade conceitual de lidar com os pressupostos dos estudos *queer*, em alguns casos há uma invisibilização deles como campo do saber no âmbito acadêmico teológico e ausência de referenciais que viabilizem um diálogo/relação produtivo.

OMMG: Qual é sua opinião sobre a encruzilhada que geram, por um lado, as prerrogativas religiosas particulares em relação à sexualidade e, por outro, a luta por um Estado laico de fato?

AM: Não creio que haja, verdadeiramente, uma encruzilhada. O que existe é uma falta de compreensão sobre o que significa Estado laico e o papel da religião no contexto desse Estado. Aí, sim, vejo que há um grande caminho a percorrer e as questões ligadas à sexualidade, sem dúvida, são um espaço significativo para perceber essa confusão. Do ponto de vista do Estado laico, a religião ou, mais especificamente, as religiões fazem parte do universo de instituições que compõem a sociedade civil. Nesse sentido, do ponto de vista institucional, as instituições religiosas disputam, no campo político, determinadas compreensões e ideologias. Como temos visto um acirramento fundamentalista (que toma a questão dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos como forma de mobilizar determinados sentimentos da população) e uma massificação de determinados discursos e instituições religiosas, elas ganham força a ponto de interferir profundamente na definição das políticas públicas. No âmbito da experiência das pessoas, no entanto, essas coisas resolvem-se de maneira diversa, como no caso das relações homoafetivas e do aborto. É evidente que, quanto mais um determinado discurso e prática religiosa consegue mobilizar e hegemônizar as questões religiosas, sendo contrário aos direitos sexuais e direitos reprodutivos, mais sofrimento causará na vida pessoal de cada cidadão/ã. Nesse sentido, acredito que certas questões que necessitam ser rearticuladas são as formas de resistência que ocorrem no interior das próprias instituições religiosas e sua capacidade de construção de novos caminhos. As religiões, como instituições, também são espaços em disputa e é preciso construir teologias e práticas eclesiológicas que estejam pautadas na laicidade do Estado, no respeito aos direitos humanos e, no que diz respeito, especificamente, à sexualidade, com

capacidade de perceber as formas diversas de compreensão e vivência e de que forma ela estrutura as relações.

OMMG: Você acha que, em relação à sexualidade, a teologia latino-americana ainda precisa sair do armário? Qual seria um caminho interessante para que a teologia avance na discussão da sexualidade e da corporeidade?

AM: Já disse Marcella Althaus-Reid que a Teologia da Libertação também tem seus esqueletos escondidos no armário. No caso da sexualidade, esses esqueletos têm nome e rosto – embora nem sempre tenham endereço e CPF. Pois o projeto de libertação quase nunca incluiu, ou considerou, a sexualidade como elemento fundante de seu fazer teológico, reproduzindo a paródia da heterossexualidade compulsória em seus cânones, que se tornaram sagrados demais. Minha busca, assim como foi a de Marcella e de tantos outros que lidaram e lidam com esses temas, foi revelar que, na experiência concreta do povo latino-americano, as coisas não se dão da forma como pressupõem esses cânones, mas, resgatando o mais precioso da teologia da libertação, escutar os corpos e seus desejos, perceber as trocas e relações amorosas lá onde há opressão e exclusão e onde se produz e reproduz a vida. Para muitos, isso significa surpreender-se, como foi o caso de Leonardo Boff e seu honesto relato do encontro com uma senhora que lhe pediu que fizesse sexo com ela². Para tantos, isso significa implodir os alicerces de uma teologia sistematizada sob uma ordem artificial e tornada fetiche. Não acredito que haja outro caminho senão tirar os esqueletos do armário e contar nossas histórias sexuais, como já sugeriu a própria Marcella: “Na teologia *queer* o fundamento da reflexão teológica está em relacionamentos humanos, pois [...] é em cenas de intimidade e a epistemologia fornecida por aqueles excluídos do projeto político heterossexual na teologia que revelações [*unveilings*] de Deus podem ocorrer. [...] Os pobres na América Latina nos fornecem reflexões de uma natureza muito *queer*, emergindo na intersecção de opressão econômica, discriminação racial e manifestações proibidas de sexualidades” (ALTHAUS-REID, 2003, p. 114)³. Quando olho para as

² BOFF, Leonardo. *Brasas sob cinzas*. São Paulo: Record, 1996.

³ ALTHAUS-REID, Marcella. *The queer God*. Canadá: Routledge, 2003.

múltiplas religiosidades presentes na estante da sala de minha mãe e lembro-me das histórias de sacanagem que circulavam nos encontros familiares (narrativa que está no capítulo 1 de *Via(da)gens teológicas*), e entendo a relação entre o altar e a cama, um universo inexplorado de possibilidades teológicas se descortina.